



NOESIS

Notícias da Educação

 REPÚBLICA
PORTUGUESA
EDUCAÇÃO



ESCOLA SECUNDÁRIA DE CACILHAS-TEJO | ABRIL 2024

25 **50**
ANOS
ABRIL

A large, vibrant red carnation flower with a green stem and leaves, positioned in the center of the page. The background is a green, textured surface with a grid pattern.

**CELEBRA ABRIL
E EXERCE A TUA
LIBERDADE**


escola
secundária de
cacilhas-tejo



FOTO: ESTÚDIO HORÁCIO NOVAIS

Participaram neste boletim: 11.º L, 12.º G, Ana Beatriz Assunção (10.º C), Ana Ladeiro (prof. de Design), Antônio Filho (10.º C), António Moreira (prof. de Artes), Beatriz Gonçalves (10.º C), Beatriz Martins (10.º C), Carlos Tiago Robalo (prof. de Português), Carolina Cambé (10.º C), Gonçalo Bicho (10.º C), Isaac Guedes (12.º G), Isabel Rosa (prof. de Português), João Segurado (12.º G), Luís C. Maia (prof. de Português), Madalena Real (10.º C), Marco Abreu (12.º L), Margarida Nascimento (12.º G), Mariana Castelo (10.º C), Nuno Pousinho (prof. de História), Rafael Pavão (10.º P), Rita Gorgulho (prof. de Design), Rita Romero (10.º C), Rodrigo Santinhos (10.º C), Sara Faquinéu (10.º C), Sofia Vicente (10.º C) e Stella Vanessa (10.º C).

Com a colaboração de: 10.º A, 10.º B, Guilhermina Rodrigues (diretora da ESCT), e Vera Brito (prof. de Português).

Paginação: Rita Gorgulho (prof. de Design)

Ilustração da Capa: Rui Abreu (11.ºL)

NESTE NÚMERO

EDITORIAL

NOS CINQUENTA ANOS DE ABRIL P.3

INQUÉRITO

PODE A DEMOCRACIA CUMPRIR-SE? P.4

12.ºG ANALISA O INQUÉRITO SOBRE DEMOCRACIA P.8

DOSSIER

DEMOCRACIA - O QUE NÃO SE QUER DE VOLTA P.10

DIZ-ME COM QUEM CASAS DIR-TE-EI QUEM ÉS P.12

DAR A MÃO À PALMATÓRIA P.13

CENSURA: O REINO DO LÁPIS AZUL P.15

GUERRA COLONIAL: NA ESFERA DO MEDO P.18

ELEIÇÕES: VOTAR SEM O SABER P.20

ATIVIDADE

O OLHAR SOBRE ABRIL POR QUEM NÃO O VIVEU P.22

LIBERDADE DE EXPRESSÃO P.27

A LONGA MARATONA P.28

NUM ABRIL E FECHAR DE OLHOS P.32

TRANSFORMAÇÃO E INCLUSÃO P.34

COMUNIDADE

25 DE ABRIL NA AP12 P.35

AS IMAGENS QUE NÃO TÊM FONTE REFERENCIADA SÃO DE UTILIZAÇÃO LIVRE

Escola Secundária Cacilhas-Tejo - Praça Gil Vicente, 6, 2804-506 Almada
Tlf.: 212736220 <https://soliw.org/site2/>

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CACILHAS-TEJO

NOS CINQUENTA ANOS DE ABRIL

POR **GUILHERMINA RODRIGUES** DIRETORA DA ESCT

É muito interessante a ideia da Direção-Geral da Educação comemorar os 50 anos do 25 de Abril com edições especiais do boletim *Noesis*, elaboradas por um conjunto de escolas com núcleos de jornais escolares.

Coube à Escola Secundária de Cacilhas-Tejo inaugurar esta iniciativa, que é mais um gesto no reforço da democracia. É, no entanto, importante que se não a considere ela, a democracia, uma situação imutável. Como toda a construção, necessita de ser cuidada para que se mantenha o que sempre desejamos, um regime que, apesar de todas as suas dificuldades, é o que melhor reflete a participação legítima dos cidadãos. Esse é, entre outros, um trabalho e um empenho

das escolas, o de mostrar que a liberdade e a democracia não foram somente conquistadas há cinquenta anos, são-no todos os dias. Por essa razão, trouxemos para este número especial do boletim *Noesis* alguma coisa do que se faz na nossa escola para que Abril de 74 não seja apenas uma memória: um inquérito realizado à comunidade educativa sobre o estado da democracia e o respeito pelos direitos humanos, relatos sobre o que era Portugal antes da democracia, uma banda desenhada que lembra a luta das mulheres pelo direito ao voto ou a reflexão sobre um trabalho que levou os alunos a pensar, através de cartazes, momentos que não viveram e que observam através do olhar da História são, entre

outros, alguns dos trabalhos que apresentamos nesta edição, com uma participação maioritária de alunos.

Dar a voz ao que se faz nas escolas é sempre de destacar, mais ainda como modo de homenagem a um tempo significativo do nosso país.

É com muito gosto que participamos, deixando o desejo de repetição de iniciativas similares.

Este boletim da *Noesis*, feito em tempo recorde, só foi possível graças ao envolvimento de todos: professores e alunos, que trabalharam com afinco para esta edição. Enquanto Diretora desta Escola não poderia estar mais orgulhosa. Obrigada a todos!

INQUÉRITO: PODE A DEMOCRACIA CUMPRIR-SE?

Um recente inquérito global revelou uma conclusão surpreendente: “As notícias sobre o fim da democracia são muito exageradas.” Essa constatação desafia percepções comuns, destacando que, apesar dos desafios, a democracia continua a pulsar vigorosamente em várias partes do mundo.

Este inquérito teve como base um outro criado pela *Open Society Foundations*, um barómetro que questionava se a democracia poderia cumprir-se, em 30 países, dos de mais baixo rendimento, como a Etiópia, aos mais poderosos economicamente, que englobaram os Estados Unidos, os Emiratos Árabes Unidos ou alguns europeus. A sua principal conclusão diz: “As notícias sobre o fim da democracia são muito exageradas. De facto,

ela tem um pulso forte. E a ameaça mais grave que enfrenta não é o apelo rival do autoritarismo, mas sim a questão de saber se os líderes democráticos são capazes de satisfazer as necessidades das suas populações.

As pessoas querem acreditar em sociedades abertas em que o controlo do poder, instituições pluralistas e independentes, a proteção das minorias e os direitos

individuais permitem a participação de todos. Porém, as provas de que esse modelo melhora as suas vidas são demasiado irregulares.”

O UNIVERSO DO INQUÉRITO

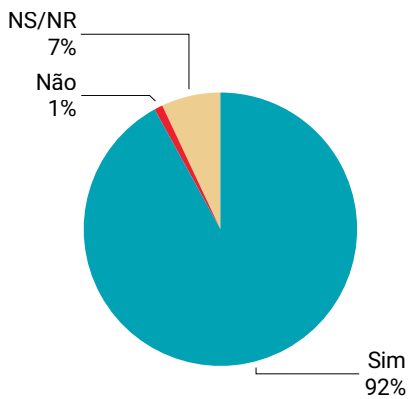
No nosso inquérito, tivemos 230 respostas, de alunos, professores e funcionários não docentes, com resultados próximos aos do estudo original, mas acentuando a relação forte com os valores democráticos e os direitos humanos.

Como podemos observar nos gráficos da página seguinte, a democracia tem uma esmagadora sustentação entre os inquiridos, que rejeitam liminarmente as tentativas da sua corrupção, embora alguns mostrem preocupação com a agitação política e a desigualdade económica.

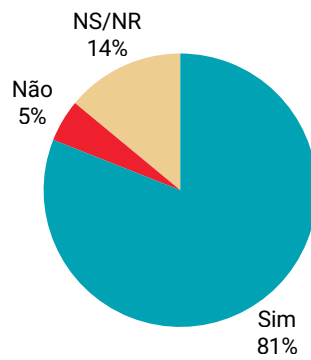


ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA
A CASA DA DEMOCRACIA

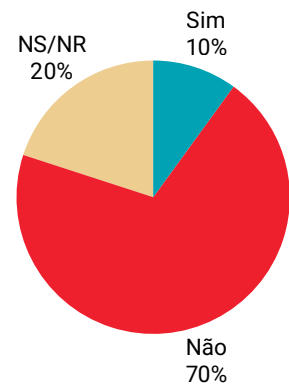
1. Considera importante viver num país democrático?



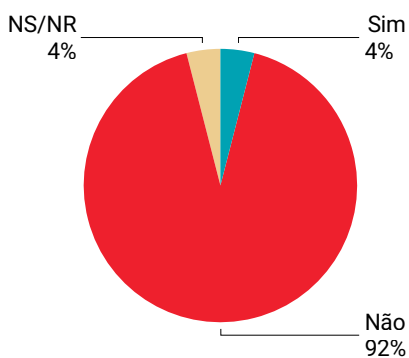
2. A democracia é preferível a qualquer outro regime?



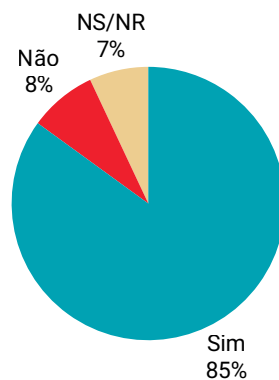
3. Ter um governo militar é uma boa maneira de governar um país?



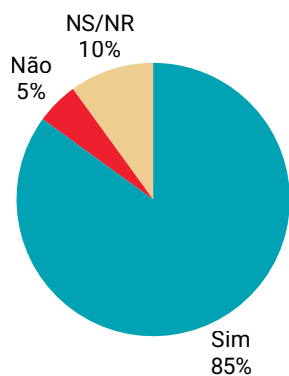
4. Ter um líder que não se preocupa com parlamentos ou eleições é uma boa maneira de governar um país?



5. A agitação política pode levar à violência?



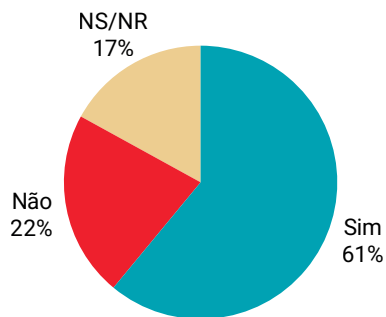
6. A desigualdade económica é um perigo para a democracia?



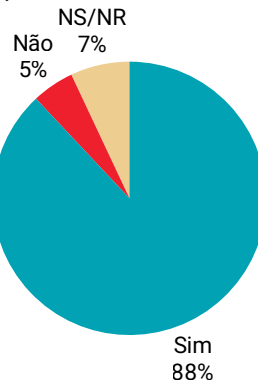
LEGENDA
● S - SIM ● N - NÃO
● NS - NÃO SABE/ NÃO RESPONDE

Também os direitos humanos têm uma ampla aceitação, como se verifica pelas respostas dadas. Há, no entanto, uma significativa percentagem que não os vê como parte integrante da democracia (22%)

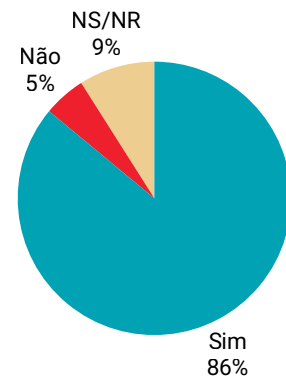
7. A democracia apenas se completa com a plena defesa dos direitos humanos?



8. Os direitos humanos têm sido um motor da melhoria de vida no mundo?

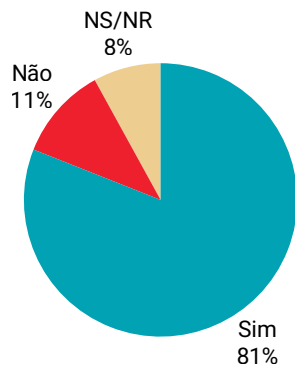


9. Os direitos humanos refletem os valores em que acredita?

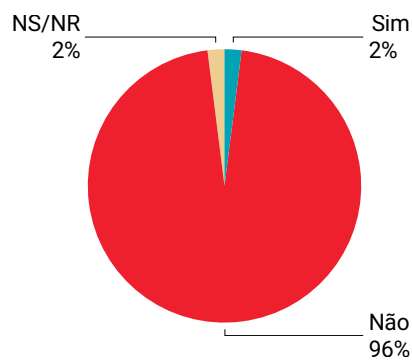


A partir da pergunta 11, todas começam por “É aceitável que os governos retirem os direitos humanos das pessoas que...”

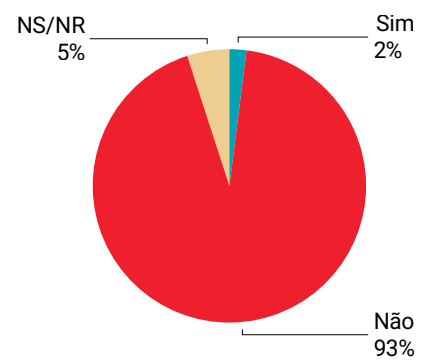
10. Acredita que os direitos humanos os protegem e à sua família?



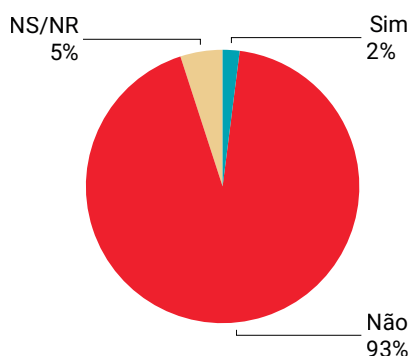
11. ...pertencem a outros grupos religiosos?



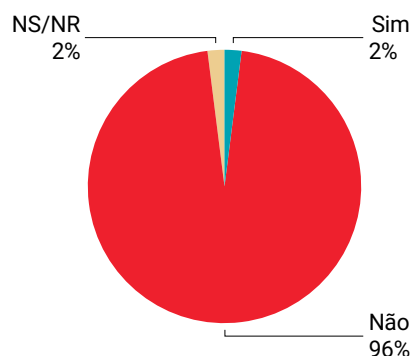
12. ...são refugiadas?



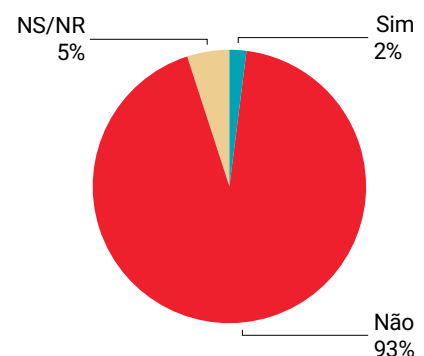
13. ...são transexuais?



14. ... têm opiniões políticas erradas?

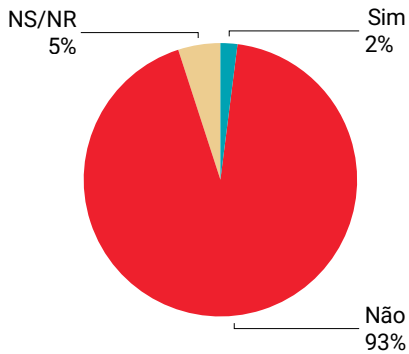


15. ... são lésbicas, gays ou bissexuais?

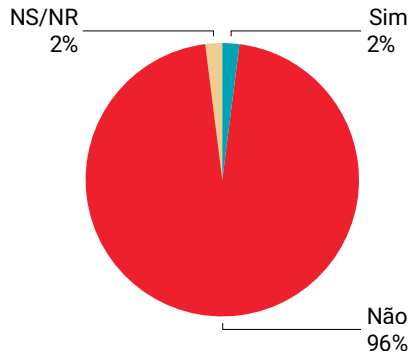


A defesa intransigente dos direitos humanos está bem ilustrada nas respostas às últimas questões, apesar de mais de um quarto delas considerar retirar direitos humanos a pessoas consideradas criminosas, quase em linha com os resultados do inquérito original (33%)

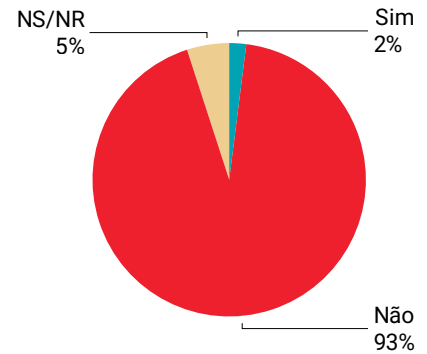
16. ... são manifestantes politicamente perturbadores?



17. ... não pagam impostos?



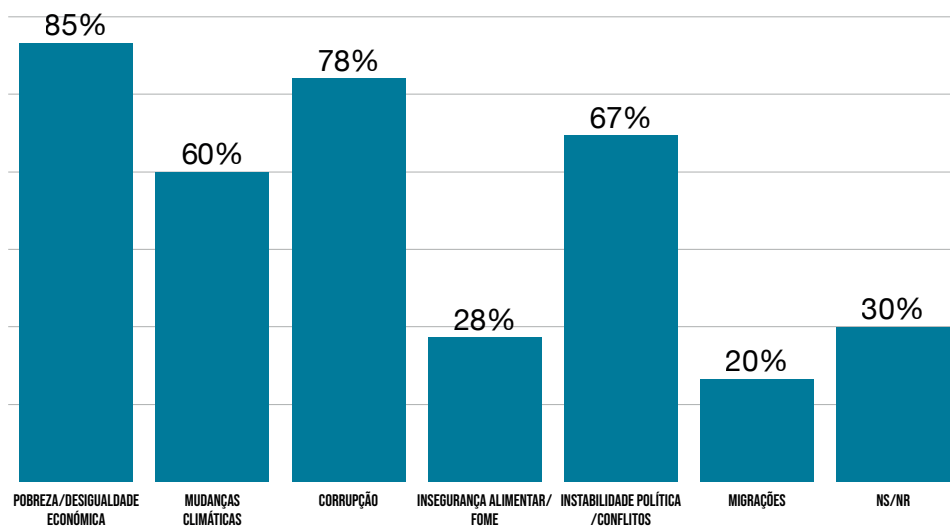
18. ...são criminosas?



QUAL É O MAIOR DESAFIO PARA A DEMOCRACIA?

Os resultados são claros: 85% dos inquiridos na escola indicam a pobreza e a desigualdade económica, 78% referem a corrupção e 67% não esquecem a instabilidade política e os conflitos.

É nesta questão que surge a maior divergência com o inquérito da *Open Society Foundations*: nele, as mudanças climáticas surgem como uma das maiores preocupações, a par da pobreza e da desigualdade económica, enquanto nas nossas respostas apenas 6% demonstram dar atenção ao que já se considera uma emergência mundial.



12.º G ANALISA O INQUÉRITO SOBRE DEMOCRACIA

COORDENADO POR NUNO POUSINHO

OS ALUNOS DO 12.º G DE CIÊNCIA POLÍTICA ANALISARAM O INQUÉRITO SOBRE O ESTADO DA DEMOCRACIA.

Nesta análise, os estudantes compararam os resultados obtidos na Escola secundária de Cacicilhas-Tejo (ESCT) e nos países da UE. Após uma reflexão sobre os dados disponíveis retiraram três ideias fundamentais:

1.ª - A comunidade educativa da ESCT **valoriza de forma quase unânime viver em democracia** (92%), um valor superior ao verificado da UE (87%);

2.ª - Para quem frequenta e trabalha na ESCT **a democracia é um regime político preferível** a qualquer outro (81%), distinguindo-nos claramente da União Europeia (UE), onde essa percentagem atinge apenas (67%). Ficamos incomodados com esta percentagem verificada na UE, pois

significa que a democracia passa por momentos turbulentos.

3.ª - Outro dado importante, que mostra como na ESCT os valores humanos continuam vivos, é o resultado das perguntas: Os direitos humanos têm sido um motor da melhoria de vida no mundo? E os direitos humanos refletem os valores em que acredita? Na ESCT, as respostas afirmativas a estas questões ultrapassam os 80% enquanto na UE não chegam aos 70%.

CONCLUSÃO: Estes resultados deixam-nos preocupados com o estado da democracia na UE, pois julgávamos que as instituições democráticas e os valores humanos eram mais consensuais. Temos, como sociedade, de trabalhar muito para recuperar o prestígio das instituições democráticas e da Liberdade.



**CENSURA, GUERRA COLONIAL, ELEIÇÕES
FRAUDULENTAS, DEPRECIÇÃO DO PAPEL DA
MULHER, ESCOLA DOMINADA PELO PREDOMÍNIO
DA ELITE SÃO MARCAS DO ESTADO NOVO QUE A
DEMOCRACIA FEZ COM QUE DESAPARECESSEM
OU AINDA TRABALHA PARA ULTRAPASSAR.
CINCO TEXTOS QUE TRAZEM MEMÓRIAS DE
OUTRO TEMPO.**

DEMOCRACIA

ILUSTRAÇÃO: CÁRLISSON GALDINO

DOSSIER

O QUE NÃO SE QUER DE VOLTA



FOTO: DESFILE DA MOCIDADE PORTUGUESA

FOTÓGRAFO: ESTÚDIO HORÁCIO NOVAIS.

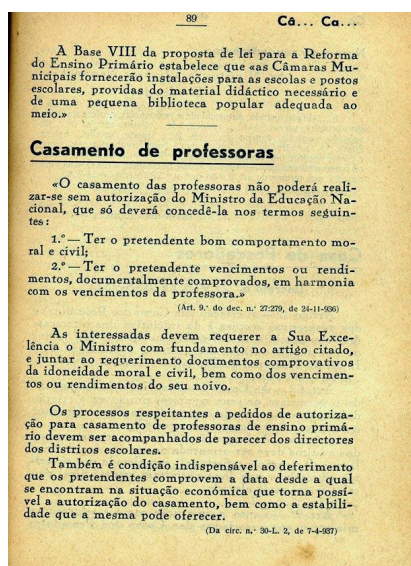
FOTOGRAFIA SEM DATA. PRODUZIDA DURANTE A ATIVIDADE DO ESTÚDIO HORÁCIO NOVAIS, 1930-1980.

DIZ-ME COM QUEM CASAS, DIR-TE-EI QUEM ÉS

POR BEATRIZ MARTINS, MARIANA CASTELO E SARA FAQUINÉU

Quando pensamos na nossa vida adulta há dois tópicos essenciais que nos vêm à cabeça: a vida profissional e a criação da nossa própria família, inicialmente com o casamento com quem amamos. Mas, há 50 anos, estes dois ideais podiam anular-se um ao outro, principalmente para as mulheres.

Nas primeiras décadas do Estado Novo, se uma mulher quisesse ser enfermeira, só poderia concretizar este sonho se fosse solteira ou viúva e não tivesse filhos, tal como dizia o Decreto-Lei n.º 31913, de 12 de março de 1942. Na verdade, era uma orientação que já vinha do século XIX. Na sociedade da então, a mulher tinha o papel de dona-de-casa e cuidadora dos filhos e a enfermagem era considerada uma profissão a tempo inteiro. Assim, as mulheres que a exercessem não podiam, simultaneamente, cuidar do lar e dos seus filhos e da sua vocação.



Durante muitos anos se tentou revogar o decreto, o que apenas se concretizou com o Decreto-Lei n.º 44923, de 18 de março de 1963, mas, nele, continua “a reconhecer-se as vantagens de, sempre que possível, contribuir, através de medidas legislativas, para afastar a mulher casada de preocupações e ambientes estranhos ao seu lar, onde lhe está reservada a mais nobre missão”, a de se sujeitar aos “deveres de esposa e de mãe”.

Então, também, as professoras primárias tinham muitas dificul-

dades com os seus casamentos, precisavam de uma autorização do Ministro da Educação Nacional, dada sob duas condições: “Ter o pretendente bom comportamento moral e civil” e “Ter o pretendente vencimentos ou rendimentos documentalmente comprovados, em harmonia com os vencimentos da professora.” Isto quer dizer que uma professora do primeiro ciclo só poderia casar se o candidato a marido não tivesse registo criminal e se os rendimentos dele fossem iguais ou superiores aos rendimentos da pretendida. Para o Ministro da Educação Nacional conceder a autorização para o casamento, era necessário comprovar estas duas exigências com documentos significativos e tinha de ser comprovada a data desde que estes documentos eram válidos e a perspectiva de até quando o continuariam a ser.

A imposição da autorização pelo Ministro da Educação Nacional acabou por ser revogada pelo Decreto-Lei n.º 49473, de 27 de dezembro de 1969. ●

DAR A MÃO À PALMATÓRIA

POR BEATRIZ GONÇALVES, CAROLINA GAMBÉ E STELLA VANESSA

Durante o período do Estado Novo em Portugal, que teve início em 1926 com um golpe militar e oficializado em 1933 com a Constituição e que durou até 1974 com a Revolução dos Cravos, o sistema educacional foi profundamente influenciado pela ideologia salazarista que apresentava algumas similaridades com a ideologia fascista. O regime, liderado por António de Oliveira Salazar, presidente do Conselho de Ministros, caracterizava-se por uma ditadura de direita, censura à imprensa, existência de polícia política e a presença de um partido único.



PROPAGANDA DO ESTADO NOVO

ESCOLA PRIMÁRIA EM LISBOA NO ANO DE 1943.

Na educação, o poder e o controlo que o governo salazarista tinha eram perceptíveis. Os professores que se atrevessem a criticar o regime eram expulsos dos seus cargos. A escola salazarista dos anos 30 era caracterizada por uma abordagem ideológica intensa, promovendo valores tradicionais

e proporcionando uma educação básica. O acesso à universidade era restrito a uma elite e a educação era fortemente marcada por simbolismo religioso e político.

A busca pela excelência educacional fazia-se com a memorização dos conteúdos com méto-

dos intimidatórios, humilhação e até castigos corporais. Os alunos eram impedidos de mostrar o seu espírito crítico ou exercer a sua liberdade de pensamento, criando uma atmosfera autoritária nas salas de aula. O sistema de ensino era rigidamente regulado por manuais escolares únicos. Esses

manuais refletiam os valores tradicionais e ideológicos do Estado Português, moldando o pensamento e a formação dos estudantes. Houve uma iniciativa positiva chamada Telescola para ensino à distância embora tenha sido limitada apenas aos primeiros seis anos de escolaridade.

Não existiam turmas mistas, os rapazes e as raparigas frequentavam salas e até edifícios diferentes. Os comportamentos inadequados resultavam em castigos físicos, como o uso de palmatórias ou réguas de madeira aplicado pelo professor. As salas de aula durante o Estado Novo eram marcadas por características distintas: carteiras alinhadas e às vezes fixa-

das ao chão, secretárias elevadas para os professores mostrarem a sua autoridade perante os alunos. Havia retratos de líderes do regime e a presença de um crucifixo no meio dos retratos.

Entrevistámos um militar que lutou na guerra colonial e que foi estudante durante o Estado Novo, e conseguimos obter algumas informações. Por exemplo, o material utilizado na escola consistia principalmente no manual escolar, uma lousa, um pedaço de giz, um tinteiro e uma mala. Muitos estudantes não tinham condições de pagar a mala, e, por essa razão, muitos carregavam o material escolar num saco ou simplesmente nas mãos.

Durante o Estado Novo, as escolas não possuíam grades ou portões, e não havia refeitórios, pois os alunos tinham apenas horários de manhã ou de tarde. Não existiam creches nem pré-primárias, o que obrigava os pais a cuidarem das crianças até que atingissem a idade necessária para frequentar o antigo primeiro ano. A escola não era obrigatória naquela época, ao contrário do que ocorre hoje, pois muitas crianças tinham de ir trabalhar, impedindo-as de frequentar a escola.

Além disso, a disciplina de educação física não existia, uma vez que as crianças praticavam atividades físicas diariamente ao brincar na rua ou a ajudar os pais no trabalho. ●



MENINA DOS 5 OLHOS

Durante o Estado Novo em Portugal, as palmatórias eram chamadas de “meninas de cinco olhos” por terem cinco furos. Elas eram usadas como instrumentos de disciplina nas escolas durante esse período autoritário da história portuguesa.



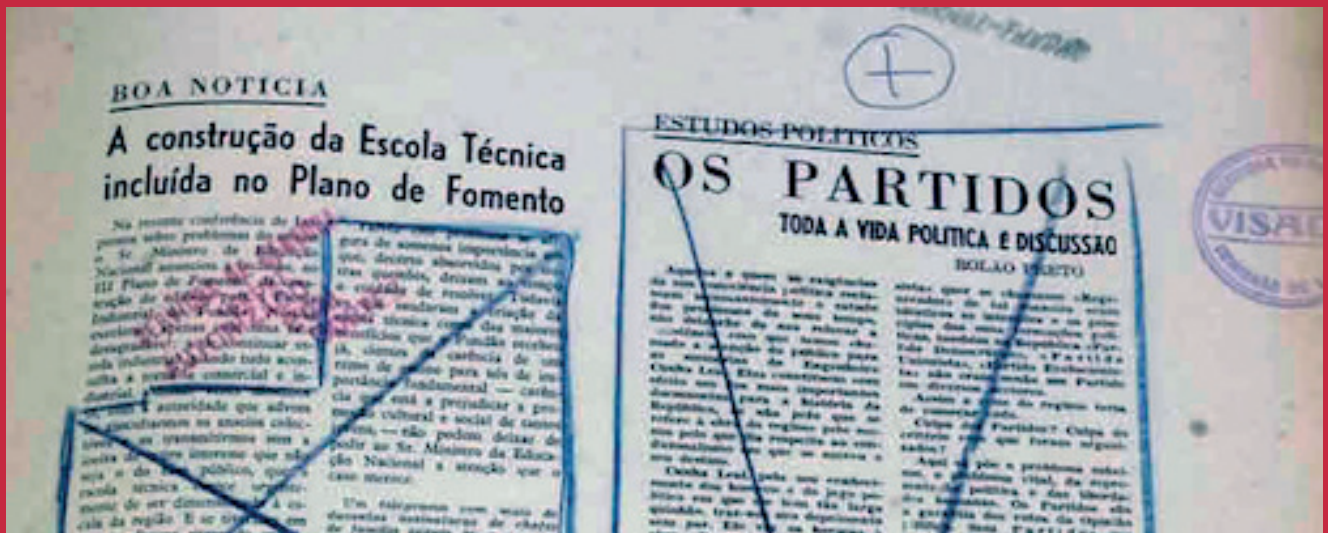
SÓ ATÉ À QUARTA CLASSE

No Estado Novo, só era obrigatória a 3.ª classe. Em 1956, tornaram-se obrigatórios os quatro anos de escolaridade apenas para os rapazes e só depois para as raparigas, em 1960.

IMAGEM: ESCOLA DE PESCA, NA CASA DOS PESCADORES (1942) AMÉRICO RIBEIRO (ARQUIVO FOTOGRÁFICO/CMS)



A CENSURA



Durante o Estado Novo, regime ditatorial que vigorou em Portugal de 1933 a 1974, a censura era uma prática comum, exercida principalmente sobre a imprensa, literatura, teatro, cinema e outras formas de expressão cultural. O governo controlava estritamente o que poderia ser publicado ou exibido,

visando manter o controle sobre a informação e evitar críticas ao regime.

O “lápiz azul” era a ação dos censores que marcavam ou suprimiam partes consideradas subversivas nas obras.

CENSURA: O REINO DO LÁPIS AZUL

POR MADALENA REAL E RITA ROMERO

A CENSURA ESTEVE PRESENTE EM PORTUGAL AO LONGO DE QUASE TODA A HISTÓRIA, PORÉM, FOI COM O GOVERNO DE SALAZAR QUE FOI FORMALMENTE IMPLANTADA.

A censura salazarista teve como objetivo reprimir a opinião pública, garantir que não havia opositores, subordinar a imprensa e ocultar informação que não se desejava que chegasse aos ouvidos do povo. Suprimiu ao povo a liberdade de expressão: censurou jornais, livros, rádio, música e, principalmente, o cinema e o teatro.

A ação censória tem uma imagem de marca, chamada “Lápis azul”, que desvirtuou livros, a imprensa e qualquer manifestação cultural. Foi-lhe dado este nome por se usar, na maior parte das vezes, um lápis de cor azul para riscar ou limitar tudo o que era publicado.



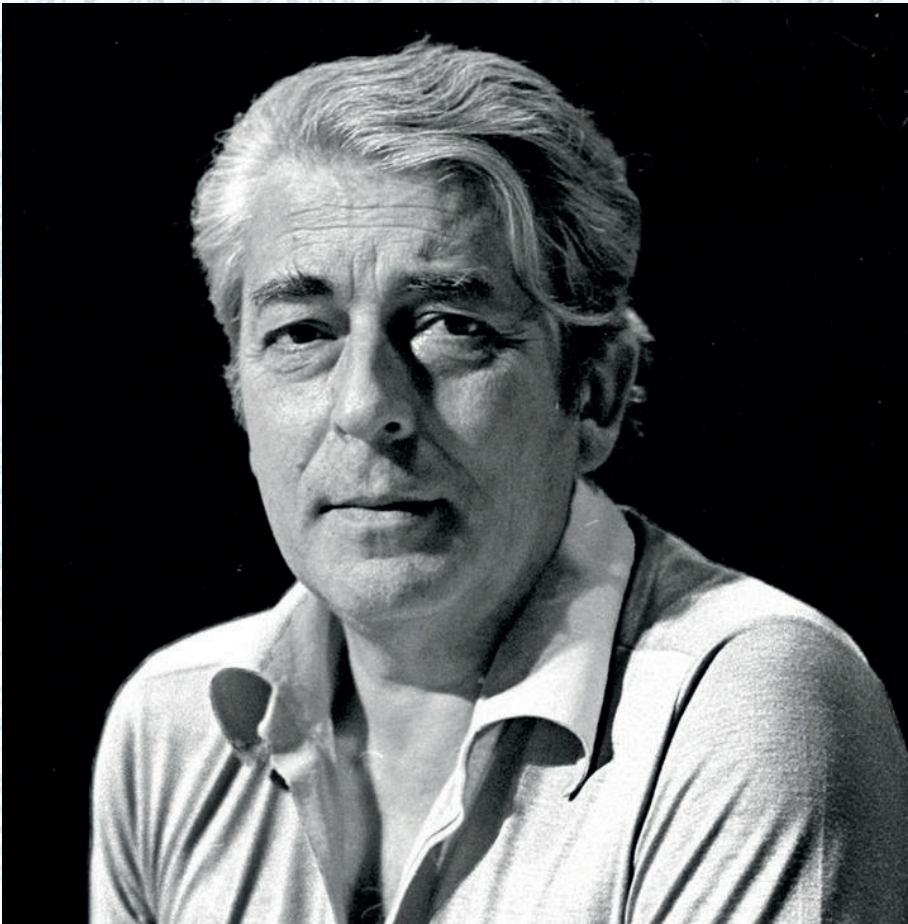
Tudo o que chegava aos olhos do povo passava por comissão de censura, onde era previamente examinado. Além de fiscalizar os jornais, os censores davam indicações sobre o conteúdo dos textos e determinavam a hora exata a que podia ser publicado.

Os jornais censurados normalmente eram marcados com dois carimbos: um com a indicação “Visado pela comissão de cen-

sura” e outro com o resultado da fiscalização (“Autorizado”, “Autorizado com cortes”, “Suspensão/Retido” e “Cortado”). A imprensa era obrigada a cumprir estas normas de modo a ficarem como a comissão de censura ordenava.

“Autorizado” significava que os jornais eram publicados sem qualquer corte nos textos. Um jornal “Autorizado com cortes” podia ser publicado se seguisse as indicações de cortes nos textos. Por vezes, os cortes eram tão extensos que a notícia se tornava incompreensível. “Suspensão/Retido” significava que os censores estavam em dúvida acerca do impacto que os textos poderiam ter na opinião pública. A suspensão poderia durar algumas horas, mas também meses. “Cortado” representava a proibição total da notícia.

Para além dos jornais, a música, teatro e cinema também eram censurados ou proibidos. Na área da música alguns artistas eram proibidos por mencionarem aspetos políticos, a liberdade ou



LUÍS DE STTAU MONTEIRO. FOTO: NUNO CALVET



DENUNCIANDO A INJUSTIÇA DA REPRESSÃO E DAS PERSEGUIÇÕES POLÍTICAS LEVADAS A CABO PELO ESTADO NOVO, A PEÇA FELIZMENTE HÁ LUAR! FOI PUBLICADA EM 1961, MAS SÓ EM 1978 FOI PELA PRIMEIRA VEZ LEVADA À CENA, NO TEATRO NACIONAL, NUMA ENCENAÇÃO DO PRÓPRIO STTAU MONTEIRO.

por estarem contra o regime. Testemunha Maria João Real, que disse que se ouviam às escondidas artistas como Zeca Afonso e José Mário Branco, entre outros.

No teatro e no cinema os cortes, segundo Maria de Lurdes Romero, deviam-se ao facto de “dizerem verdades que não se podiam dizer”, o que tirava o prazer de assistir aos espetáculos. Por haver tanta censura nos jornais, Odete

da Costa Ferreira comentou que os encomendava do estrangeiro (Inglaterra), ilegalmente. Assim, conseguiam estar a par das notícias sobre o mundo e o país.

Por vezes, sucediam casos caricatos como o da peça de teatro de Luís de Sttau Monteiro, *Felizmente, há luar!*. Publicada em 1961, a obra mereceu grandes louvores da crítica e mereceu o Grande Prémio de Teatro, da So-

cidade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses (atual Sociedade Portuguesa de Autores). Porque qualquer prémio desta sociedade era de desconfiar, os censores releram a peça e proibiram-na, não com muito sucesso pois já tinha sido publicada. Impediram, no entanto, a sua encenação e só veio a ser representada em Portugal depois do 25 de Abril, em 1975, pelo Teatro de Ensaio do Barreiro.

GUERRA COLONIAL: NA ESFERA DO MEDO

POR ANA ASSUNÇÃO E SOFIA VICENTE

A GUERRA COLONIAL PORTUGUESA É O NOME DADO AO CONFLITO DE PORTUGAL COM AS SUAS COLÓNIAS AFRICANAS. ESTE ACONTECIMENTO DUROU CERCA DE 13 ANOS, DE 1961 ATÉ 1974. O ENCERRAMENTO DESTA GUERRA LEVOU À INDEPENDÊNCIA DE TODAS AS COLÓNIAS QUE OS PORTUGUESES POSSUÍAM EM ÁFRICA.

Estima-se que nesses conflitos tenham morrido cerca de 10 mil portugueses e 45 mil pessoas entre civis e soldados de países africanos envolvidos.

Como testemunho desta guerra, temos Manuel Dinis, ex-combatente e avô de uma aluna desta escola. Ao recolhermos informações, descobrimos que Manuel serviu como enfermeiro de guerra na Guiné-Bissau. A sua experiência abrangeu um pe-

ríodo de 24 meses, partindo de Portugal em setembro de 1972 e regressando em outubro de 1974, após o 25 de Abril. Manuel Dinis foi destacado para a região de Gampará, um local cercado por arame farpado e minas, resultado dos constantes ataques inimigos. Durante esse período tenso, ele e os seus companheiros de batalha foram obrigados a viver em abrigos subterrâneos devido aos constantes bombardeios de mísseis inimigos.

O DIA A DIA NO CENÁRIO DE GUERRA

No que diz respeito ao seu quotidiano, Manuel Dinis partilhou connosco que enfrentava duas alternativas distintas. Por vezes, participavam em missões no terreno, as quais podiam prolongar-se por 24 a 72 horas. Noutras ocasiões, quando permaneciam dentro das zonas protegidas por arame farpado, dedicavam as manhãs a prestar assistência à população local,

mantendo-se sempre vigilantes, mesmo que os ataques inimigos ocorressem geralmente durante a noite.

Na sua localização durante este período, testemunhou uma civilização significativamente menos desenvolvida, onde as refeições eram consumidas manualmente, e o arroz era a base alimentar predominante. A comunicação entre grupos ocorria de aldeia para aldeia através de “bataques” de tambores, sendo comum este meio de expressão em eventos tristes, como funerais.

Manuel também relatou a existência de equipas especializadas encarregadas de controlar as áreas circundantes ao arame farpado, e por vezes colaboravam com as forças especiais. Participavam em missões nas bases inimigas, utilizando informações confidenciais para localizar as coordenadas, numa tentativa de neutralizá-las. Duran-

te o dia, nos momentos em que não estavam em serviço, encontravam distração jogando cartas.

A ALIMENTAÇÃO DOS SOLDADOS

As refeições, como podemos imaginar, não eram das melhores. Durante as missões, consumiam a designada “ração de combate”, composta por bolachas, pacotes de marmelada, latas de atum, salsichas, sardinhas e carne, leite com chocolate, sumo e comprimidos de café. Além disso, carregavam consigo comprimidos para purificar a água, tornando-a segura para o consumo. Fora das missões, as suas refeições consistiam principalmente em frango, atum, salsichas e carne, com pouca variação. Este tipo de alimentação era trazido por barcos, visto que a região onde se encontravam era próxima ao rio. Contudo, em algumas ocasiões, devido a ataques inimigos, chegavam a ficar sem provisões alimentares.



“O MEU MAIOR MEDO ERAM OS MÍSSEIS E AS MINAS”

Era difícil estar longe da família, mas havia formas de manter o contacto. Comunicavam entre si através de aerogramas e de cartas. Estas eram enviadas e transportadas por helicóptero a cada 8 dias, embora por vezes o intervalo pudesse ser mais prolongado.

Apenas tomou conhecimento do 25 de Abril depois de ter saído de uma operação às 5 da tarde.

Ele e os colegas acabaram por celebrar com uma bebedeira geral, pois acreditavam que, finalmente, poderiam regressar a casa.

“O meu maior medo eram os mísseis e as minas”, foi a frase que nos deixou mais abatidas, não conseguindo sequer perceber o que estas pessoas podem ter sentido. Felizmente Portugal já não tem este tipo de comportamentos, que levaram à morte de milhares de inocentes.

ELEIÇÕES: VOTAR SEM O SABER

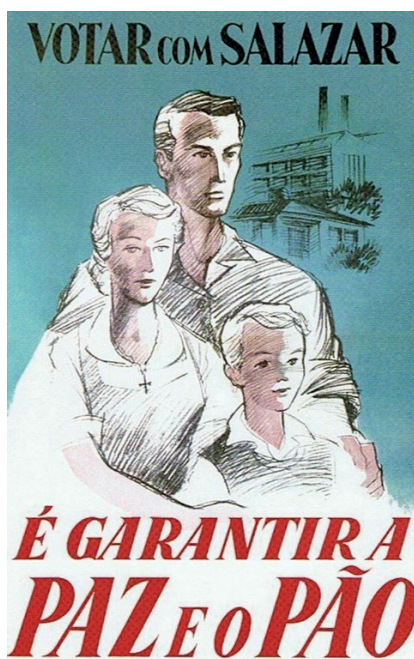
POR ANTÔNIO FILHO, GONÇALO BICHO E RODRIGO SANTINHOS

Antes do 25 de Abril de 1974, o país estava sob uma ditadura autoritária conhecida como Estado Novo, liderada por António de Oliveira Salazar e, posteriormente, por Marcelo Caetano. Durante esse período, as eleições eram altamente controladas e não eram verdadeiramente democráticas. Todas as pessoas sabiam que o governo mandava em tudo e quem tentasse discordar era preso ou até mesmo torturado.

O regime do Estado Novo restringia a existência de partidos políticos. O único partido legal era a União Nacional, mais tarde Acção Nacional Popular, que servia como veículo de apoio ao governo e não permitia uma verdadeira competição política.

As eleições eram altamente controladas pelo governo e pelo partido único e os eleitores eram frequentemente pressionados ou coagidos a votar nos candidatos apoiados pelo governo.

Durante as campanhas eleitorais, a propaganda oficial dominava, com forte censura à oposição política, que não tinha liberdade para expressar as suas



opiniões e posições livremente.

O regime reprimia duramente qualquer forma de oposição política, liberdade de expressão e manifestação. A liberdade de imprensa estava limitada e as vozes críticas ao governo eram silenciadas.

Nas eleições, se é que se podia chamar eleições, quem tinha direito ao voto, porque não era qualquer pessoa que podia votar, saía de casa e ia votar e já sabia quem é que ia ganhar, mesmo antes das eleições começarem, a União Nacional.

Havia relatos de corrupção e fraude eleitoral para garantir a manutenção do poder do regime. As eleições eram mais uma formalidade do que um verdadeiro exercício democrático, com os resultados muitas vezes pré-determinados a favor do regime político fascista. Mas, claro, apenas havia estas suspeitas de corrupção quando havia outros partidos a tentar concorrer porque muitas vezes a União Nacional era a única facção política a concorrer.

Após o fim da 2.^a Guerra Mundial, ouviu-se falar muito da possibilidade da democracia finalmente ganhar espaço em Portugal e acabar com a ditadura que era vivida em Portugal já há muitos anos, e as eleições de 1945 acalentavam essa esperança, isto porque quase todas as ditaduras mundiais estavam a cair e o povo português se iludiu, achando que poderia acontecer o mesmo no nosso país, mas não, continuou a ganhar a União Nacional com uma ocupação a 100% da Assembleia Nacional.

Se olharmos para os resultados eleitorais verificados no Estado Novo, é sem surpresa

que encontramos todos os lugares de deputados ocupados pela União Nacional e, em 1973 pela Acção Nacional Popular, afinal uma marca de todas as ditaduras quando resolvem fingir-se democracias: se começarmos pelas primeiras, em 1934, a União Nacional teve 79% dos votos. E os restantes 21%? Inválidos! E assim sucedeu, com pequenas variações até ao 25 de Abril. E ainda há quem diga: no meu tempo é que era!



UM EPISÓDIO REAL

Um episódio elucidativo para terminar: conta a mãe de um professor da nossa escola que, ingenuamente, decidiu ir votar numa destas eleições do tempo fascista em Portugal. Quando se aproximou da mesa de voto e disse o seu nome um dos membros da dita mesa disse-lhe: A senhora já votou. Surpreendida, ainda tentou replicar, mas a palavra foi-lhe logo cortada. Então, não é funcionária pública? O Estado vota pelos funcionários públicos. E assim se fazia naquele tempo.



PROPAGANDA DE APOIO À UNIÃO NACIONAL, O ÚNICO PARTIDO LEGAL DURANTE O ESTADO NOVO

O OLHAR SOBRE ABRIL POR QUEM NÃO O VIVEU

POR ANA LADEIRO

É POSSÍVEL FAZER UMA CAMPANHA PUBLICITÁRIA SOBRE UM MARCO HISTÓRICO SEM O TER VIVIDO? FOI ESSE O DESAFIO LANÇADO AOS ALUNOS DE 11.º ANO, QUE MERGULHARAM NESTE PROJETO INTERDISCIPLINAR.

Os alunos do 11.º L do Curso de Técnico de Design de Comunicação Gráfica aceitaram a proposta interdisciplinar de criar uma campanha publicitária a propósito da comemoração dos 50 anos do 25 de Abril, nas disciplinas de Design de Comunicação Gráfica e de Oficina de Comunicação Gráfica. O desafio consistiu na criação de um conjunto de objetos gráficos que compõem uma campanha publicitária – cartazes, *outdoors*, *roll-ups*, bandeiras, publicações e vídeos para redes sociais – relativos aos 50 anos do 25 de Abril e em torno do tema Liberdade. As várias peças elaboradas por cada aluno deveriam refletir os valores da data, ser apelativas, ter uma

identidade própria e expressar uma dimensão do conceito de Liberdade, bem como ter uma coerência de conjunto entre si. Além disso tinham de responder a algumas condicionantes, como os formatos das peças e duração dos vídeos.

Para criar a campanha para os 50 anos do 25 de Abril, os alunos passaram por um processo criativo, chamado metodologia projetual, que começa com a pesquisa e análise de informação. Nesta fase, selecionaram e analisaram informação sobre que liberdade existia (ou não) antes do 25 de Abril de 1974, que acontecimentos tiveram lugar nesse dia, que conquistas em direção à liberdade se construíram desde então, ao longo destes 50 anos, para decidirem a perspetiva sobre o conceito de Liberdade que queriam abordar. Selecionaram e analisaram criticamente também três exemplos de cartazes já existentes. Fizeram um brainstorming e elaboraram um mapa mental, fundamentais para a identificação do conceito que

queriam desenvolver e para a definição das características principais dos objetos gráficos.

As soluções criativas foram exploradas e desenvolvidas através da execução livre de esboços e anotações de cor, seguidas da elaboração de diversas propostas no computador, em *software Adobe Illustrator*, que foram testadas para avaliar e selecionar a solução final a desenvolver. Seguiu-se, finalmente, o desenvolvimento de cada um dos formatos gráficos. Os alunos executaram maquetes para simular os diferentes suportes publicitários, o que permitiu uma visualização muito realista do resultado de cada campanha.

Os cartazes, *outdoors*, vídeos, etc., criados pelos alunos refletem o seu trabalho de pesquisa, análise, *brainstorming* e criatividade, que resultaram em campanhas publicitárias completas, coerentes e apelativas que transmitem muito sobre o olhar de cada um sobre o conceito de Liberdade e os 50 anos de construção democrática.

Este projeto desafiou a criatividade dos alunos, levou-os a aprofundar o conhecimento sobre o tema abordado e promoveu uma reflexão sobre a comunicação eficaz e o poder das mensagens publicitárias na sociedade contemporânea.



AFONSO COSTA



DIANA CHAVES



GUILHERME COELHO



HELENA APOLÔNIO



I SANTOS



JENIFER FERREIRA



LARA NASCIMENTO

LIBER



ANA JÚLIA FIALHO



ANDRÉ LEAL



ANTÓNIO PEREIRA



CAROLINA BUDU



CRISTÓVÃO FERNANDES



DÉBORA CORREIA

D A D E



M LUÍS



MARIA GATO



RAFAEL DIAS



RODRIGO ARAGÃO



RÚBEN MANUELITO



RUI FREITAS



LIBERDADE DE EXPRESSÃO

POR RAFAEL PAVÃO

No cartoon apresentado, de Marilena Nardi, podemos observar o que seria, numa primeira instância, uma simples tesoura. Contudo, num olhar mais profundo e crítico, percebemos a existência de um senhor a falar (ou a tentar fazê-lo), representando-se também um balão de fala, que é, simultaneamente, um dos anéis da tesoura.

A imagem não possui muita cor, predominando o preto e branco, o que realça ainda mais a simplicidade do desenho em si.

No meu entender, vejo que este cartoon representa uma crítica à falta de liberdade de

expressão. A forma como a ilustração combina a tesoura, um objeto cortante, à tentativa de alguém emitir uma mensagem, conduz-me à ideia das limitações que a sociedade nos impõe nos dias de hoje. Incrivelmente, há palavras que são “cortadas”, assuntos mais controversos ou desagradáveis aos olhos de alguns, que não podem ser ditos. Outro detalhe interessante neste cartoon é o facto do balão de fala estar vazio, o que aponta mais uma vez para a ausência de liberdade no uso das palavras. Esta imagem faz-nos pensar se a liberdade conquistada pelos nossos antepassados e que é um direito tão fundamental para

todos nós, independentemente da faixa etária ou classe social, existe atualmente e se usufruímos, de facto, dela.

A partir da análise desta imagem, pude constatar também que os cartoons são uma forma bastante criativa e relevante de se criticar o que de errado existe à nossa volta, aparentemente de uma forma um pouco mais subtil, mas, do meu ponto de vista, bastante certa.

Neste caso em concreto, esta imagem alerta-nos para a possível perda de um direito fundamental, o de podermos ser realmente livres para dizer o que pensamos ou sentimos.

A LONGA MARATONA É UMA BANDA DESENHADA REALIZADA POR MARCO ABREU, DO 12.º L, DO CURSO PROFISSIONAL DE TÉCNICO DE DESIGN DE COMUNICAÇÃO GRÁFICA. CONTA A HISTÓRIA DA CONQUISTA DOS DIREITOS DAS MULHERES AO LONGO DO SÉC.XX, E DAS MUDANÇAS DE REGIME, EM PORTUGAL. É REALIZADA DIGITALMENTE EM IBIS PAINT, PHOTOPEA E ADOBE ILLUSTRATOR.

A LONGA MARATONA

1911
1975

POR MARCO ABREU

PARTE I

28 DE MAIO DE 1911. NA JOVEM REPÚBLICA PORTUGUESA VOTA-SE PARA A ASSEMBLEIA CONSTITUINTE. O AMBIENTE FERVILO COM AS NOVAS CONQUISTAS E OS VENTOS DE MUDANÇA



ESTAMOS QUASE LÁ!
QUE MOMENTO HISTÓRICO!

A FORMA COMO CONSEGUISTE SER INCLUÍDA NOS CADERNOS ELEITORAIS FOI UM GOLPE DE GÊNIO, CAROLINA!

CAROLINA BEATRIZ ÂNGELO, MÉDICA, VIÚVA, INVOCOU A SUA CONDIÇÃO DE "CHEFE DE FAMÍLIA" PARA PODER VOTAR.

VAMOS MOSTRAR QUE AS MULHERES TAMBÉM TÊM VOZ!



NO INTERIOR, CAROLINA ESTÁ DIANTE DA MESA DE VOTO E É LIDA A SENTENÇA DO JUÍZ, QUE SE BASEIA NOS DIREITOS CIVIS

EXCLUIR A MULHER ... É SIMPLEMENTE ABSURDO E INÍQUO... MANDO QUE A RECLAMANTE SEJA INCLUÍDA NO RECENSEAMENTO ELEITORAL!!

APESAR DOS VALORES PROGRESSISTAS DA REPÚBLICA, OS HOMENS QUE ASSISTIRAM À CENA NÃO ESTAVAM DISPOSTOS A ACEITAR A IGUALDADE DE GÊNEROS, E ESTA CONQUISTA SERIA REVOGADA POUCO TEMPO DEPOIS...

MULHERES A VOTAR? ISTO NÃO PODE VOLTAR A ACONTECER!





PARTE II

EM 1933, COM A FORMAÇÃO DO "ESTADO NOVO", PORTUGAL INICIAVA UMA LONGA DITADURA QUE DURARIA 48 ANOS.

OFICIALIZAVA-SE UM NOVO PERÍODO POLÍTICO ABERTO PELA REVOLUÇÃO DE 28 DE MAIO 1926, MARCADO POR UMA CONCEÇÃO PRESIDENCIALISTA, AUTORITÁRIA E ANTIPARLAMENTAR DO ESTADO, QUE SUSPENDEU MUITOS DOS DIREITOS CONQUISTADOS

O ESTADO NOVO ENCERROU O PERÍODO DO LIBERALISMO EM PORTUGAL COM UMA NOVA VISÃO POLÍTICA QUE SE MANTERIA ATÉ 1974.



QUERIDO, EU SEI QUE ESTAS ELEIÇÕES TÊM UM PARTIDO ÚNICO, MAS TENHO DE TENTAR MOSTRAR QUE AS MULHERES TAMBÉM TÊM VOZ!

LÁ ESTÁS TU COM AS TUAS IDEIAS...



NÃO POSSO VOTAR PORQUE SOU CASADA?!?

CALE-SE!! O SEU MARIDO É O CHEFE DE FAMÍLIA! NÃO LHE BASTA?



A MULHER CASADA NÃO TINHA DIREITO DE VOTO, NÃO PODIA EXERCER NENHUM CARGO POLÍTICO E NÃO PODIA TRABALHAR SEM AUTORIZAÇÃO DO MARIDO

ISTO É INJUSTO... MAS NÃO VOU DESISTIR! O FACTO DE SER CASADA NÃO ME PODE IMPEDIR DE TER VOZ...



A LEI ATRIBUÍA À MULHER CASADA UMA FUNÇÃO ESPECÍFICA: O GOVERNO DOMÉSTICO, O QUE SE TRADUZIA PELA IMPOSIÇÃO DOS TRABALHOS DOMÉSTICOS COMO OBRIGAÇÃO.

MARIA, VÊ LÁ O QUE DIZES, PORQUE NÃO FICA BEM... E QUANDO CHEGARMOS A CASA ESPERO QUE ESTEJA BEM ARRUMADA E A COMIDA POSTA NA MESA!

PARTE III

PASSARAM-SE 25 ANOS. PORTUGAL CONTINUAVA ENVOLTO NA PENUMBRA DO FASCISMO, MAS, AQUI E ALI, ERAM CADA VEZ MAIS AS VOZES CRÍTICAS AO REGIME.

A 8 DE JUNHO DE 1958, O GENERAL HUMBERTO DELGADO FEZ TREMER O REGIME DE SALAZAR. O "GENERAL SEM MEDO" - COMO FICOU CONHECIDO - FOI A VOTOS À PRESIDÊNCIA.

O SEU CARISMA ENTUSIASMOU MILHARES DE PESSOAS QUE ACREDITARAM NA POSSIBILIDADE DE MUDANÇA.



APESAR DA SOCIEDADE DESIGUAL E DISCRIMINATÓRIA, AS MULHERES PARTICIPARAM ATIVAMENTE NA RESISTÊNCIA À DITADURA. LUTAVAM CONTRA O REGIME, MAS TAMBÉM CONTRA OS PAPEIS TRADICIONAIS DE GÊNERO QUE AS LIMITAVAM. LUTAVAM NA CLANDESTINIDADE, NAS PRISÕES, EM FABRICAS, NAS UNIVERSIDADES, NOS MOVIMENTOS SOCIAIS, NAS COOPERATIVAS

ACREDITO QUE O GENERAL SEM MEDO VAI MUDAR PORTUGAL! PRECISAMOS DE UM PRESIDENTE ASSIM, MANO!



MAS AS LEIS NÃO MUDAVAM E O REGIME TARDAVA A SER DERRUBADO... O DIREITO AO VOTO CONTINUOU INALTERADO E AS MULHERES CASADAS SEM PODER VOTAR.

CONTINUAM SEM NOS OUVIR...



PARA SAIR DO PAÍS SÓ COM AUTORIZAÇÃO DO MARIDO. PARA O REGIME, A MULHER EXISTIA PARA SER MÃE E ESPOSA. DESDE CRIANÇA QUE ERA TREINADA PARA SER SUBMISSA.

AS MULHERES QUE NÃO SE CONFORMAVAM E LUTAVAM ERAM MUITAS VEZES PRESAS

NÃO PODE EMBARCAR ! O SEU MARIDO AUTORIZOU ESTA VIAGEM?



IMPEDIDAS DE SE DIVORCIAREM (MESMO SE CASADAS APENAS PELO CIVIL) FICAVAM, MUITAS VEZES, REFÊNS DE UM CASAMENTO FORÇADO. PARA TRABALHAR NO COMÉRCIO, ABRIR CONTA BANCÁRIA OU ATÉ TOMAR CONTRACETIVOS, A MULHER ERA OBRIGADA A PEDIR AUTORIZAÇÃO AO MARIDO.

NÃO POSSO VOTAR, NÃO POSSO TRABALHAR, NÃO POSSO IR A FRANÇA VER A MINHA FAMÍLIA... QUANDO CONSEGUIREI LIBERTAR-ME?...





PARTE IV

A 25 DE ABRIL DE 1974 OS DUROS ANOS DO CINZENTISMO FASCISTA ACABARAM. NA MADRUGADA DESSE DIA, FORÇAS MILITARES OCUPARAM PONTOS ESTRATÉGICOS EM LISBOA E DERRUBARAM 48 ANOS DE DITADURA IMPOSTA PELO ESTADO NOVO.

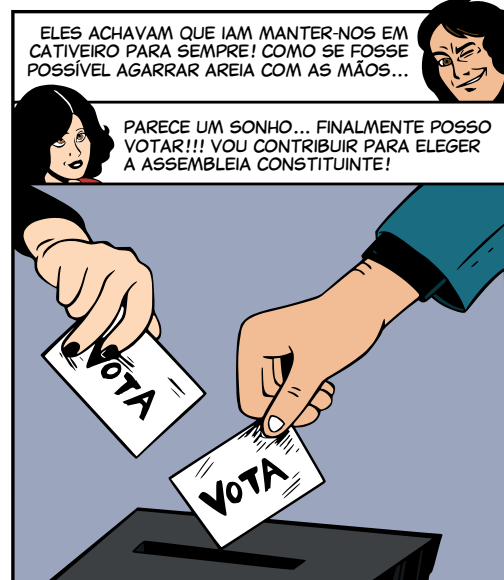
PORTUGAL GANHA A COR DA LIBERDADE!! EXATAMENTE UM ANO DEPOIS VOTA-SE POR SUFRÁGIO UNIVERSAL, PELA PRIMEIRA VEZ. FORAM ELEITOS 250 DEPUTADOS NA ELEIÇÃO MAIS PARTICIPADA DE SEMPRE.

EM 1978, COM A REVISÃO DO CÓDIGO CIVIL, OS DIREITOS DAS MULHERES TIVERAM UM AVANÇO SIGNIFICATIVO



RÁPIDO! ESTAMOS À ESPERA HÁ MAIS DE 60 ANOS!!

ESTOU TÃO FELIZ PELO MOMENTO QUE VIVEMOS!



ELES ACHAVAM QUE IAM MANTER-NOS EM CATIVEIRO PARA SEMPRE! COMO SE FOSSE POSSÍVEL AGARRAR AREIA COM AS MÃOS...

PARCE UM SONHO... FINALMENTE POSSO VOTAR!!! VOU CONTRIBUIR PARA ELEGER A ASSEMBLEIA CONSTITUINTE!



O QUE VAIS FAZER AGORA? QUERES BEBER UM CAFÉ?

EM 1978, A MULHER CASADA DEIXOU OFICIALMENTE DE TER ESTATUTO DE DEPENDÊNCIA DO MARIDO.

OBRIGADA, MAS VOU APANHAR UM AVIÃO!

LIBERDADE



DESAPARECEU A FIGURA DO "CHEFE DE FAMÍLIA" BEM COMO AS DISPOSIÇÕES QUE ATRIBUÍAM AOS HOMENS A ADMINISTRAÇÃO DOS BENS DO CASAL. O GOVERNO DOMÉSTICO DEIXOU DE PERTENCER, POR DIREITO PRÓPRIO, À MULHER, MAS HAVIA PERTO DE MEIO SÉCULO DE AVANÇOS PARA ACOMPANHAR...

FINALMENTE ACABOU ESTA LONGA MARATONA!! É O INÍCIO DE UMA NOVA CAMINHADA E AINDA HÁ TANTO PARA ANDAR...

FIM?



Num Abril e Fechar de Olhos é a última peça do Teatro Extremo, companhia sediada em Almada e que apresenta o espetáculo no Teatro Estúdio António Assunção até 14 de abril. Mafalda Santos, autora e encenadora falou-nos sobre este trabalho.

ESCT: COMECAMOS POR UM DOS FINS. COMO RECEBEU A CLASSIFICAÇÃO DE “PARA MAIORES DE 12” ATRIBUÍDA PELA IGAC PARA ESTA CRIAÇÃO DO TEATRO EXTREMO?

MAFALDA SANTOS: Com muita apreensão. No meu trabalho com crianças deparo-me constantemente com a sua inteligência e sensibilidade extraordinárias. Desaconselhar esta peça a menores de 12 anos, insinuando assim, que uma criança do 4.º ano não terá capacidade intelectual para a compreender, é ofensivo e um ataque à liberdade. O IGAC, após fazer uma leitura do texto e sem assistir a um único ensaio, adjetivou o espectáculo de complexo e cansativo devido à sua duração, ora a peça tem 60 minutos e quanto à complexidade... enfim, toda a história é vista pelos olhos de três crianças. Mas nada melhor do que os alunos virem efetivamente ver e dizerem de sua justiça!

ESCT: ESTA HISTÓRIA É-NOS CONTADA POR TRÊS CRIANÇAS. AS CRIANÇAS CONTAM MELHOR AS HISTÓRIAS DO QUE OS ADULTOS?

MS: As crianças não colocam tantos filtros como os adultos, as crianças não se melindram, nem dão tanto peso às palavras porque lidam com a linguagem da verdade e o certo e o errado estão à flor da pele. Por estes motivos as histórias contadas por elas carregam sempre outra pureza. Eu sou fã.

ESCT: COMO DIZ O JARDINEIRO, HÁ MUITAS HISTÓRIAS DO 25 DE ABRIL. ESTA É UMA DELAS? PORQUÊ?

MS: Porque cada pessoa teve a sua. Em cada família, cada turma, cada local de trabalho, a ditadura foi vivida e sofrida, de formas diferentes, mas certamente ninguém ficou indiferente a ela. O 25 de Abril é um tapete de histórias pessoais feito com retalhos passados

no campo, na cidade, na guerra, na prisão, no mar, em salas de reunião clandestinas, em escolas, etc...

ESCT: A MÚSICA É “INDISSOCIÁVEL DA LUTA PELA LIBERDADE”. PORQUÊ?

MS: A Cantiga é uma Arma! Já dizia José Mário Branco na canção. A poesia cantada era um veículo para dizer as verdades de forma escondida, nesse tempo em que era proibido dizê-las às claras. Vozes e palavras motivavam as pessoas a não desistirem de lutar por uma vida melhor e a não perderem a esperança.

ESCT: PORQUE É QUE CONSIDERA TÃO IMPORTANTE O CENÁRIO PARA O SEU TEXTO?

MS: A ideia para a peça nasceu numa imagem do documentário “Começar a Viver” na qual os pescadores da Aldeia da Meia Praia, no Algarve, carregam uma casa



inteira do sítio onde estava para um terreno onde podem começar a viver com mais dignidade. A ideia para o cenário foi crucial para a construção do texto. Uma casa hexagonal que a cada rotação surpreende o público com um novo ambiente: Uma escola, uma fábrica, uma mercearia, um quiosque de jornais, uma prisão, etc...

ESCT: OUTRO DOS FINS: RESPEITO E TEMPO, QUAL É O SEU PESO NA CRIAÇÃO DE UMA REPRESENTAÇÃO TEATRAL?

MS: Respeito pelos atores: Ouví-los e dar-lhes a liberdade de propor e experimentar. Respeito pela palavra escrita: Tratá-la com rigor e precisão. Respeito pela descoberta do corpo e do movimento.

Respeito pelas personagens, dando-lhes as ferramentas certas para desabrocharem.

Respeito pelo público, com a certeza de que o espetáculo é o fruto de muito trabalho, entrega e exigência.

E, por fim, respeito pelo Tempo necessário para refletir, tentar, errar e encontrar o caminho certo.

SECUNDÁRIA DE CACILHAS-TEJO

TRANSFORMAÇÃO E INCLUSÃO

POR RITA GORGULHO

50 anos depois de Abril, a Escola Secundária de Cacilhas-Tejo (ESCT) é mais do que uma simples instituição de ensino. É um espaço de transformação, de inclusão e de preparação para a vida. Ancorada nos valores da aprendizagem permanente, equidade e respeito, a ESCT tem sido um farol de oportunidades para os jovens que a ela se dirigem, provenientes não só de Almada, mas de toda a região envolvente do distrito de Setúbal.

A diversidade social é uma das características marcantes da nossa escola, refletindo-se não apenas nos nossos alunos, mas também nas nossas práticas educativas. O lema “uma escola para a vida” não é apenas uma frase feita, mas sim um compromisso que assumimos diariamente com todos os que passam pelos nossos corredores. Acreditamos que a educação vai além das salas de

aula, abrangendo todas as esferas da vida dos nossos estudantes.

**A NOSSA VISÃO É CLARA:
PREPARAR OS ALUNOS PARA
A VIDA E PARA A CIDADANIA,
COM EXIGÊNCIA E RIGOR, MAS
SEM NUNCA PERDER DE VISTA A
INCLUSÃO. QUEREMOS FORMAR
CIDADÃOS CONSCIENTES,
PARTICIPATIVOS E PREPARADOS
PARA OS DESAFIOS DO MUNDO
CONTEMPORÂNEO.**

Para alcançar este objetivo, valorizamos abordagens pedagógicas e didáticas que promovem a aquisição de competências sociais e profissionais, aliadas a um conhecimento sólido e a saberes múltiplos.

Mais do que transmitir conteúdos, queremos estimular o

pensamento crítico e autónomo dos nossos alunos, capacitando-os para lidar com as mudanças e incertezas num mundo em constante transformação. No entanto, o nosso compromisso não se esgota nos muros da escola. Reconhecemos a importância da interação com a comunidade em que nos inserimos, promovendo valores de solidariedade, respeito e tolerância. Acreditamos que é através deste diálogo constante com o meio envolvente que podemos construir uma sociedade mais justa e inclusiva.

Assim, a ESCT assume-se como uma escola dinâmica, aberta à mudança e em constante diálogo com a realidade que a rodeia. O nosso compromisso é com os nossos alunos, com a sua formação integral e com a construção de um futuro melhor para todos. Afinal, na ESCT, educamos para a vida.

25 DE ABRIL NA AP12

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DANIEL SAMPAIO

ANTES E DEPOIS DE ABRIL

O AEDS está desenvolver, no âmbito da Comemoração dos 50 anos do 25 de Abril de 1974, diversas iniciativas que englobam diferentes linguagens, áreas de conhecimento e domínios: filmes, o antes e o depois do 25 de Abril; encontros: ex-combatentes e ex-presos políticos; exposições, jogos, concursos.



BIBLIOTECA DE VALE ROSAL

DIA DA LIBERDADE - 25 DE ABRIL

O 25 DE ABRIL
FOI UM DIA ESPECIAL
EM QUE A LIBERDADE NOS CHAMOU
NUMA NOITE DE MADRUGADA

TODA A GENTE QUIS APARECER
COM UM CRAVO NA MÃO
EM GRANDE FELICIDADE
TODA A GENTE DEU A MÃO

O 25 DE ABRIL
FOI UMA NOITE INESPERADA
ONDE A LIBERDADE SE REVOLTOU
SENDO UM DIA IMPORTANTE

SIMÃO S., MATILDE C. E TIAGO 5.º

50 DIAS PARA OS 50 ANOS

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS MIRADOURO DE ALFAZINA

COMEMORAR A LIBERDADE

FIM DA GUERRA COLONIAL, APELO À PAZ.

O Agrupamento de Escolas Miradouro de Alfazina, está a realizar um livro comemorativo, com a colaboração de todos os níveis e ciclos de ensino. A liberdade conquistada há 50 anos foi o mote inspirador para pensar a história, a democracia, o que crescemos e o que pensamos, apelando à criatividade e colaboração.



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS FRANCISCO SIMÕES

COMPROMISSO COM OS IDEAIS DE ABRIL



O nosso Agrupamento demonstra o seu compromisso com os ideais de Democracia e Liberdade ao escolher os 50 anos do 25 de Abril para diversos eventos tais como: a sua Semana do Agrupamento; concursos e festivais de cinema; diversas exposições; tudo, promovendo a reflexão e a participação ativa na memória coletiva.

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA CAPARICA

ABRIL DEPOIS DE ABRIL: HISTÓRIA VIVA



O Agrupamento de Escolas da Caparica tem estado a comemorar os 50 anos do 25 de Abril. A este propósito, e entre outras atividades, as turmas do 8.º ano da EBSMC assistiram, na biblioteca, a um painel em que dois professores da escola, Ana Paiva [emérita] e Joaquim Gonçalves [no ativo], deram, através da sua experiência, vida à História, partilhando o antes e o depois do 25

de Abril de 1974. Testemunharam o significado de democracia e de liberdade. Os professores fizeram-se acompanhar de objetos representativos da sua juventude, os quais foram vistos e revistos com curiosidade e emoção pelos alunos e professores – discos, *O Livro da 1ª classe*, livros, uma máquina de escrever, bandas desenhadas e uma [infame] régua de madeira.

Também os alunos do 9.º ano da EBCC contaram com duas personalidades, trouxeram à vida o antes e o depois, partilhando os seus testemunhos sobre o período da ditadura e a revolução de 25 de Abril de 1974: a Sra. Diretora, professora Isabel Santos e o professor António Brinco [emérito]. Esta iniciativa, que continuará ao longo do ano letivo, tem como propósito destacar os valores conquistados com a Revolução.

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS PROFESSOR RUY LUÍS GOMES

50 SÃO OS ANOS DE ABRIL

POR NÓS CONTADOS, RECORDADOS, MOSTRADOS, CANTADOS, PINTADOS, DEFENDIDOS E AGARINHADOS.

Fazemos a festa com todos - dos pequeninos do pré-escolar aos jovens adultos do 12.º ano - e celebramos este frágil legado que é a nossa liberdade.



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DO MONTE DA CAPARICA

ABRIL É O ANO INTEIRO

O Agrupamento comemora os 50 anos da Revolução de Abril com diversas iniciativas ao longo de todo o ano letivo, que passam pela encenação da peça “Da Ditadura à Democracia: uma reflexão sobre o 25 de Abril”, pelo reportório da banda escolar “A Ooura Banda” e pelas artes plásticas com desenhos feitos com o Lápis Azul usado pela Censura.

